



BRASILEIROS NO EXTERIOR

CONFIRA CINCO RECOMENDAÇÕES ESSENCIAIS PARA QUEM PLANEJA VIVER FORA DO BRASIL

▶▶▶ [Leia na página 8](#)

Como escolher o melhor plano de previdência para o seu perfil

Especialista da Bradesco Vida e Previdência reforça a importância de conectar planejamento financeiro com propósito de vida e metas pessoais

Escolher um plano de previdência privada é mais do que se preparar para a aposentadoria. É uma forma de cuidar do presente com responsabilidade e construir um futuro com mais liberdade, segurança e realizações. Esse investimento deixou de ser apenas uma solução financeira para se tornar uma ferramenta capaz de viabilizar sonhos, ampliar escolhas e garantir autonomia ao longo da vida.

O planejamento começa com o entendimento do próprio perfil. A análise leva em conta fatores como idade, renda, objetivo da constituição da reserva, tolerância ao risco e horizonte de investimento. Com base nessas informações, é possível desenhar uma estratégia sob medida, que contempla desde a composição da carteira até a futura escolha do regime tributário, sempre respeitando a realidade de cada pessoa.

O primeiro passo é estabelecer o propósito do plano. “Embora seja amplamente usada para fins de aposentadoria, a previdência privada é um instrumento extremamente versátil que pode ser direcionado para outras metas e objetivos, como a realização de um curso superior ou intercâmbio, a aquisição de um bem, a abertura de um negócio ou planejamento sucessório”, explica Rafael Barroso, superintendente sênior da Bradesco Vida e Previdência.

Em seguida, vem a escolha da modalidade, entre PGDL (Plano Gerador de Benefício Livre) e VGBL (Vida Gerador de Benefício Livre). No PGDL, é possível deduzir da base de cálculo do IR as contribuições feitas ao plano até o limite de 12% da renda bruta anual tributável. Já



Rafael Barroso

“Embora seja amplamente usada para fins de aposentadoria, a previdência privada é um instrumento extremamente versátil que pode ser direcionado para outras metas e objetivos.

no VGBL, o imposto incide apenas sobre o rendimento e no momento do resgate, sendo uma opção mais indicada para quem é isento ou faz a declaração no modelo simplificado.

“No que diz respeito ao grau de risco do investimento, perfis conservadores costumam optar por planos menos expostos à volatilidade e maior concentração em produtos de renda fixa, buscando mais estabilidade e previsibilidade. Já os moderados equilibram segurança com uma parcela um pouco maior de risco, enquanto os arrojados, geralmente mais focados em renda variável e multimercados, aceitam

oscilações maiores em troca de um potencial de rentabilidade mais elevado no longo prazo”, destaca Barroso.

Com relação ao regime tributário, há duas opções: progressivo e regressivo. No regime progressivo, a alíquota segue a tabela tradicional do Imposto de Renda das Pessoas Físicas, mas pode ser compensada, parcial ou integralmente, na Declaração de Ajuste Anual. Havendo resgate, são deduzidos 15% na fonte. No regressivo, o IR é descontado exclusivamente na fonte, não podendo integrar a renda bruta tributável, nem ser levado a ajuste na declaração anual. Em contrapartida, a alíquota diminui à medida que o prazo da aplicação aumenta, caindo de 35% para 10% a partir do décimo primeiro ano.

“Vale lembrar que a Lei 14.803, de janeiro de 2024, flexibilizou a escolha entre os dois regimes, permitindo que a opção seja exercida somente no momento do primeiro resgate ou do recebimento do benefício, e não mais no ato da adesão ao plano, como anteriormente. Dessa forma, o participante pode tomar uma decisão mais consciente e alinhada ao seu momento de vida e aos seus objetivos futuros”, esclarece o executivo.

Barroso cita, ainda, dois pontos importantes na contratação e manutenção de um plano de previdência. “O primeiro é a taxa de administração. Não tome sua decisão baseado apenas nela, pois muitas vezes um fundo com taxa maior, porém mais sofisticado e com gestão ativa, tende a apresentar melhor performance do que outro com taxa inferior. O segundo cuidado é revisar suas metas com alguma frequência, para avaliar se o plano contratado ainda faz sentido para o seu contexto de vida. Vale lembrar que a previdência privada possibilita ao participante alterar sua estratégia de investimento a qualquer momento, por meio da portabilidade, sem necessidade de resgatar a reserva, o que evita a incidência de tributação”.

A importância do consumidor para a logística reversa

O início de um novo ano é um momento propício para renovar hábitos e compromissos, inclusive ambientais, e reforçar a importância da logística reversa de eletroeletrônicos e eletrodomésticos pode ser parte desse movimento. ▶▶▶

Cidadania Italiana: Por que 2026 pode ser um ano decisivo para quem busca?

Audiência na Itália reacende expectativas, e especialistas apontam que este pode ser o momento mais estratégico para iniciar ou retomar processos. ▶▶▶

Especialista aponta sete dicas práticas de como começar do zero no e-commerce em 2026

Com plataformas de social commerce em expansão e margens mais apertadas, especialistas defendem foco em produto validado, caixa protegido e uso inteligente de dados para quem quer empreender no início de 2026. ▶▶▶

Muitos brasileiros têm direito à cidadania portuguesa e nem imaginam

De acordo com Eduardo Carraro, fundador da Carraro Cidadania, empresa que oferece soluções de cidadania para diversos países, milhares de pessoas têm direito ao reconhecimento da nacionalidade por descendência, casamento, tempo de residência ou nascimento em território português, desde que cumpram critérios legais e apresentem a documentação exigida. ▶▶▶

Para informações sobre o

MERCADO
FINANCEIRO

faça a leitura do
QR Code com seu celular



Negócios em Pauta

Imagem: Equipe de Arte / ACI Unesp



Concurso de contos em celebração aos 50 anos da Unesp seleciona 33 narrativas

Um egresso do câmpus de Ilha Solteira, um estudante de pós-graduação do câmpus de Araraquara e um docente do câmpus de Marília são os três grandes vencedores do concurso de contos "Universidade: Um Encontro Marcado". A iniciativa integra a celebração dos 50 anos da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e foi realizada pela Coordenadoria de Ação Cultural (CoAC) da Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Cultura (PROEC), em parceria com a Editora Unesp e a Fundação Vunesp. No total, foram 334 contos participantes, com representantes da Reitoria e de 30 das 34 unidades universitárias. Entre os grupos que mais se engajaram no concurso, os discentes responderam por quase metade das inscrições (49,1%), seguidos por discentes egressos (22,8%), servidores técnico-administrativos (16,8%) e servidores docentes (10,2%) (<https://www2.unesp.br/portal#!/noticias/v?id::41994/coordenadoria-de-acao-cultural-da-proec-divulga-resultado-do-concurso-de-contos-em-celebracao-aos-50-anos-da-unesp>). ▶▶▶ [Leia a coluna completa na página 3](#)

News@TI

Reprodução Serpro



Evento online sobre privacidade, fraude e IA

@No dia 28 de janeiro, Dia Internacional da Proteção de Dados, o Serpro realizará um evento online para discutir a importância da privacidade, das mudanças trazidas pela Inteligência Artificial e do combate às fraudes. A iniciativa reúne especialistas nacionais e internacionais. A abertura será realizada pelo presidente do Serpro, Wilton Mota, que vai falar sobre o compromisso da empresa pública de TI com a construção de um Estado digital cada vez mais seguro e confiável. ▶▶▶ [Leia a coluna completa na página 2](#)

Literatura

Livros em Revista

Por Ralph Peter



▶▶▶ [Leia na página 4](#)

OPINIÃO

A IA pode ver tudo, mas quem garante a privacidade dos dados públicos?

José Ricardo Maia Moraes (*)

A IA pode ver tudo, mas quem garante a privacidade dos dados públicos?

Essa pergunta persegue os especialistas do mercado desde que a inteligência artificial deixou de ser um experimento para se tornar uma necessidade operacional na cibersegurança do setor público. O volume de ataques, a sofisticação dos métodos e a velocidade com que as ameaças se propagam tornaram inviável depender apenas de controles tradicionais e análises manuais. Ainda assim, sempre devemos pensar que, introduzir IA nesse contexto é como trazer um holofote para uma sala escura, você enxerga mais, mas também expõe tudo.

Essa tensão está no centro das decisões estratégicas de qualquer órgão público que lida diariamente com dados sensíveis, sistemas críticos e serviços essenciais. Não é uma discussão teórica, é o dia a dia de quem precisa equilibrar proteção e privacidade.

IA como multiplicador de capacidade, não como substituto

Na prática, a principal contribuição da IA está na capacidade de observar o que antes era invisível. Já vimos modelos de aprendizado de máquina correlacionarem eventos que pareciam desconexos, identificar padrões anômalos que passariam despercebidos por meses e anteciparem comportamentos maliciosos em ambientes complexos. Em vez de reagir apenas ao que conhecemos, esses sistemas aprendem o funcionamento normal das nossas infraestruturas e sinalizam desvios em tempo real. Isso reduz o tempo de detecção de semanas para horas, acelera nossa resposta e diminui a dependência de regras estáticas que, sabemos bem, envelhecem rápido demais para as ameaças atuais. No setor público, onde convivem tecnologias legadas, múltiplas redes e diferentes níveis de maturidade digital, essa capacidade de correlação não é apenas útil, é vital.

O ponto de inflexão, onde muitos projetos tropeçam, surge quando entendemos que a eficácia da IA depende do acesso a grandes volumes de dados. Logs, registros de acesso, comportamentos de usuários, tráfego de rede... tudo isso é essencial para treinar e operar modelos eficientes. Porém, sem os devidos cuidados, esse acesso pode transformar ferramentas de defesa em potenciais vetores de exposição. O risco, portanto, nunca esteve na tecnologia em si, mas na ausência de uma estratégia clara de proteção, governança e limitação de uso dos dados analisados. A IA aplicada à cibersegurança pública precisa operar com um princípio básico: ver padrões não significa ter direito a ver pessoas.

(*) CTO da Neotel.

Criptografia e controle de acesso como pré-requisitos

É nesse contexto que a criptografia deixa de ser um componente técnico isolado e passa a ser um elemento estrutural da confiança digital. Dados usados por sistemas de IA devem estar protegidos em todas as fases, armazenamento, transmissão e processamento, com mecanismos que impeçam acesso não autorizado, mesmo em caso de comprometimento parcial do ambiente. Controles de acesso rigorosos, segregação de funções e políticas claras sobre quem pode interagir com dados e modelos não são opcionais. Em ambientes mais maduros, a IA analisa informações já protegidas, muitas vezes anonimizadas ou pseudonimizadas, reduzindo drasticamente o risco de exposição de dados pessoais. A lógica é simples, mas crucial: quanto mais inteligente o sistema, mais restrito deve ser o acesso aos dados que o alimentam.

Governança é o verdadeiro diferencial

A tecnologia, sozinha, nunca resolverá o dilema entre segurança e privacidade. O fator decisivo, e onde os projetos podem dar certo ou fracassar, é a governança. Isso inclui regras transparentes sobre coleta, uso e retenção de dados, mecanismos de auditoria que funcionem na prática, explicabilidade real dos modelos e supervisão humana constante.

No setor público, decisões automatizadas precisam ser rastreáveis e justificáveis. Não basta que um sistema indique uma ameaça; é preciso poder explicar por quê, com base em quais critérios e sob quais limites legais e institucionais. Os projetos bem-sucedidos são aqueles em que a IA nasce integrada a políticas de segurança da informação, proteção de dados e compliance, não como uma camada adicionada posteriormente para resolver problemas.

Um novo equilíbrio para a defesa digital

A inteligência artificial já é parte do presente da cibersegurança governamental. Ignorá-la significa aceitar níveis de risco incompatíveis com a relevância dos serviços públicos digitais. Ao mesmo tempo, adotá-la sem critérios claros compromete o ativo mais valioso do Estado: a confiança do cidadão.

O caminho viável, pelo que tenho visto nos casos que funcionam, passa por um equilíbrio pragmático. IA para ampliar visibilidade e resposta. Criptografia para proteger o que é sensível. Governança para garantir limites, transparência e responsabilidade.

A pergunta, portanto, não é mais se o setor público deve usar IA para se defender, mas como fazer isso sem cruzar linhas que não podem ser cruzadas. É uma linha tênue, mas é nela que trabalhamos todos os dias.

Geração Z chegando à universidade sem conseguir ler adequadamente

A Geração Z é a formada por pessoas nascidas entre meados da década de 1990 e início dos anos 2010.

Corina_Ciocirlans_Images_CANVA

Vivaldo José Breternitz (*)

A medida que os últimos representantes da Geração Z passam pelo ensino médio e ingressam em universidades, professores de ensino superior relatam uma preocupante queda nas suas habilidades em termos de compreensão de textos. Diante desse cenário, muitas instituições têm recorrido a uma solução drástica: reduzir significativamente o nível de seus cursos.

A professora da Pepperdine University, Jessica Hooten Wilson, afirmou em entrevista à revista *Fortune* que o problema vai além incapacidade de pensar de forma crítica. “Não é sequer uma incapacidade de pensar criticamente. É uma incapacidade de entender frases”, disse. A professora admite ter reduzido suas exigências acadêmicas diante da chegada de estudantes que mal conseguem lidar com textos básicos. Enquanto professor universitário, pensamos e agimos de forma similar.

O professor da Universidade de Notre Dame, Timothy O'Malley, também observa mudanças significativas. Ele lembra que, no passado, era comum atribuir entre 25 e 40 páginas de leitura por aula. Hoje, essa prática seria “impensável”, pois segundo ele, muitos estudantes recorrem a resumos gerados por inteligência artificial e tem passado pela escola sem muito incentivo à leitura.



Especialistas apontam que a responsabilidade não é apenas dos jovens. O sistema educacional enfrenta sérias falhas, agravadas pela pandemia de COVID-19, além de uma cultura cada vez mais voltada para vídeos e conteúdos audiovisuais em detrimento da leitura.

A crise da Geração Z reflete uma tendência mais ampla. Nos últimos 20 anos, o número de adultos que leem por lazer nos Estados Unidos caiu 40%. Além disso, levantamento do Programa Internacional de Avaliação de Competências de Adultos

(PIAAC) revelou que 59 milhões de americanos estão no patamar mais baixo de nível de leitura, em uma escala de cinco níveis.

O cenário sugere que, sem reformas estruturais profundas no sistema educacional, a Geração Z dificilmente será a última a apresentar índices de alfabetização piores do que os de seus antecessores, nos Estados Unidos e no Brasil.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnit@gmail.com.

A importância da previsibilidade de custos em cloud

Alameda id. CANVA



A nuvem deixou de ser apenas um elemento tecnológico para se consolidar como uma ferramenta de negócios. No início, as empresas investiram em cloud computing com o único propósito de armazenar dados, porém, visto sua capacidade de gerar insights valiosos, as organizações perceberam o potencial de crescimento estratégico e financeiro. De acordo com a pesquisa Panorama Cloud nas empresas brasileiras, realizada pela TOTVS em parceria com a H2R Insights & Trends, 77% das empresas usam a ferramenta com foco em segurança, escalabilidade e inovação.

O diferencial não está somente na nuvem em si, mas nas aplicações desenvolvidas sobre essa infraestrutura, que permitem operar grandes volumes de dados e aplicar técnicas avançadas de análise. Ao utilizar o poder de processamento e escalabilidade da cloud computing, essas soluções conseguem tratar informações com agilidade, organizá-las e entregá-las aos gestores de forma personalizada, de acordo com os objetivos de cada área do negócio. Com essa flexibilidade, há o gerenciamento de todos os dados em multiplataformas, de fácil acesso por qualquer dispositivo conectado na internet. Por conta disso, a nuvem se tornou primordial para direcionar a gestão com foco em resultados, porque planejamentos feitos sem bases de dados robustos e detalhados não possuem embasamento para definir metas reais e desenvolver estratégias condizentes com a capacidade operacional.

Enquanto a tecnologia disponibiliza os insumos, os profissionais colocam em prática suas habilidades de interpretação e entendimento do mercado. Integrados aos sistemas empresariais, os dados passam a ser estruturados de forma a apresentar as informações com clareza e facilitar a análise, permitindo comparações com o histórico de performance e resultados. Dessa forma, as equipes identificam novas

oportunidades de serviços e produtos, gargalos que dificultam o crescimento, necessidades dos clientes, ineficiência nos processos empresariais e ainda preveem riscos.

Diante desses insights, ficou claro que a nuvem corporativa se tornou o centro de decisões financeiras e operacionais. No entanto, muitas organizações ainda enfrentam um problema silencioso: a imprevisibilidade dos custos em clouds públicas. Visto que o investimento não se resume à infraestrutura, há taxas de saída, cobranças por I/O, custos de suporte e variações cambiais, tornando o orçamento volátil, principalmente com cloud internacional. Segundo estudo da International Data Corporation (IDC), as companhias que adotam nuvens corporativas locais reduzem em até 21% os custos totais de operação quando comparadas a ambientes de data centers tradicionais.

Dessa maneira, a distribuição de recursos com direcionamento preciso, de acordo com o processo operacional e devolutiva financeira de cada solução, dá à gestão de TI um controle de gastos inteligente. A partir deste cenário, é possível identificar no primeiro momento

redução de custos, mas a longo prazo, com um planejamento financeiro, conciliado a relatórios de desempenho dos recursos tecnológicos, é possível proporcionar à liderança uma visão da produtividade das organizações, para auxiliar em planejamentos futuros.

Isso mostra que a previsibilidade não se limita ao faturamento mensal. Mas, é essencial ter suporte imediato para acontecimentos inesperados e que exigem maior atenção. Além disso, a nuvem cria uma proximidade técnica e consultiva, por trabalhar com equipes de especialistas locais, ter menor latência de resposta e operar conforme a LGPD. Esse formato ainda apresenta uma grande vantagem competitiva: os serviços ofertados foram desenvolvidos dentro do contexto atual do comportamento e necessidade do público, agregando conhecimento especializado aos serviços personalizados. O resultado é previsibilidade operacional, o complemento direto da previsibilidade de custos.

(Fonte: Paulo Lima é CEO da Skynova, empresa destaque em serviços de e-mail corporativo, cloud computing e segurança digital).



News @ TI

ricardosouza@netjen.com.br

Software.com.br anuncia abertura de operações na Argentina

A Software.com.br reafirma sua vocação internacional ao anunciar oficialmente a abertura de operações na Argentina, ampliando sua presença na América Latina. A capital Buenos Aires foi escolhida como base da operação pela proximidade estratégica

com parceiros que já atuam em diversos países da região e por sua relevância como centro de inovação e negócios. A decisão posiciona a companhia no coração de um dos principais polos tecnológicos, assegurando atendimento de excelência e o mesmo padrão técnico já reconhecido no Brasil, México e Colômbia (www.software.com.ar).

Venda de motocicletas em 2025 é a maior dos últimos 22 anos

A venda de motocicletas no país em 2025 foi a maior registrada desde 2003. Foram comercializadas 2.197.851 unidades no ano passado, uma alta de 17,1% em relação a 2024 (1.876.427 unidades)

O segundo ano com mais vendas foi 2011 (1.940.543 unidades) e o terceiro, 2008 (1.925.558 unidades). Os dados, divulgados são da Associação Brasileira dos Fabricantes de Motocicletas, Ciclomotores, Motonetas, Bicicletas e Similares (Abraciclo).

“O desempenho do setor reflete a demanda aquecida por veículos de duas rodas, impulsionada principalmente pela mobilidade urbana e pelo uso profissional”, destaca o presidente da entidade, Marcos Bento. No ano passado, 1.980.538 motocicletas foram produzidas nas linhas de montagem das fabricantes instaladas em Manaus, volume 13,3% superior ao registrado em 2024. Esse



A Abraciclo estima que a produção em 2026 deverá ser de aproximadamente 2.070.000 motocicletas.

foi o melhor desempenho do setor desde 2011 e o terceiro maior da história da indústria motociclística nacional, desde 2003.

As exportações encerraram 2025 com 43.117 motocicletas embarcadas,

volume 39,1% superior ao registrado no ano anterior. A Abraciclo estima que a produção em 2026 deverá ser de aproximadamente 2.070.000 motocicletas, volume 4,5% superior às 1.980.538 unidades fabricadas em 2025. A previsão

da entidade é que sejam vendidas no país, neste ano, 2.300.000 motocicletas, um avanço de 4,6% em relação às 2.197.851 unidades comercializadas no ano passado.

As exportações, segundo a Abraciclo, também devem apresentar elevação. A entidade estima que 45.000 motocicletas sejam destinadas ao mercado externo em 2026, crescimento de 4,4% na comparação com 2025. “As projeções indicam o crescimento consolidado do segmento no Brasil e reforçam o papel estratégico do Polo Industrial de Manaus, o maior polo de produção de duas rodas fora do eixo asiático”, afirma o presidente da Abraciclo (ABR).

Notas do Enem 2025 já estão disponíveis na internet

As notas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) 2025 já podem ser consultadas na Página do Participante (<https://enem.inep.gov.br/participante/#/>). Os resultados foram divulgados na sexta-feira (16) pelo Ministério da Educação (MEC) e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Segundo dados do balanço da aplicação do exame, participaram da edição de 2025 4,8 milhões de inscritos, com 72% de presença nos dois dias de prova.

Na Página do Participante é possível conferir tanto a nota da redação (que varia de zero a mil pontos) quanto a pontuação de cada uma das quatro áreas de conhecimento avaliadas. Para os chamados treineiros - aqueles que não concluíram o ensino médio em 2025, o boletim individual será publicado até 60 dias após a divulgação do resultado.

Com os resultados do exame, os participantes poderão concorrer a vagas em

instituições de educação superior públicas pelo Sistema de Seleção Unificada (Sisu), com inscrições abertas de 19 a 23 de janeiro; tentar uma bolsa de estudo pelo Proni, no período de 26 a 29 de janeiro; ou acessar o Fies. A inscrição no Sisu não exige envio prévio de documentos. Os selecionados, no entanto, devem observar os prazos e requisitos, bem como apresentar a documentação solicitada pela instituição de educação superior no momento da matrícula.

Os participantes do Enem 2025 que atendem aos critérios estabelecidos e desejam utilizar o exame para fins de certificação de conclusão do ensino médio devem ficar atentos aos prazos para solicitar o certificado nas instituições, por meio do portal do Inep. Para obter o certificado de conclusão do ensino médio pelo Enem, é necessário ter indicado essa finalidade no momento da inscrição e alcançar, no mínimo, 450 pontos em cada área do conhecimento, além de obter, pelo menos, 500 na redação (ABR).

Plataforma Não Me Perturbe teve 1,7 milhão de adesões em 2025

A plataforma Não Me Perturbe, criada pelo setor de telecomunicações, fechou o ano de 2025 com 14,2 milhões de números de telefone cadastrados para não receber chamadas de telemarketing de empresas de telecom e de oferta de crédito consignado. Durante o ano passado, o número de telefones cadastrados na plataforma aumentou em 1,7 milhão, registrando quase 5 mil cadastros por dia, segundo informou a Conexis Brasil Digital, por meio de sua assessoria de imprensa.

A plataforma foi criada dentro do sistema de autorregulação das operadoras de telecomunicações e está em operação desde julho de 2019. A Conexis Brasil Digital é a nova marca do SindiTeleBrasil, sindicato que reunia as principais operadoras de telecomunicações do país. A unidade federativa com a maior relação entre números cadastrados na plataforma e o total de telefones foi o Distrito Federal: 9,4% da base

de números fixos e móveis do DF estão registrados na Não Me Perturbe.

Para o presidente-executivo da Conexis Brasil Digital, Marcos Ferrari, “a iniciativa da Não Me Perturbe é um excelente exemplo do impacto positivo da autorregulação e comprova a maturidade do setor de telecomunicações”. Ferrari disse que a iniciativa reforça o respeito à vontade do consumidor e tem contribuído para reduzir o número de reclamações nos últimos anos.

O usuário que quiser bloquear seus números de celular e telefone fixo para não receber ligações de telemarketing com ofertas de serviços de telecom e crédito consignado deve fazer o cadastro diretamente no site (<https://www.nao-meperturbe.com.br/>), pelo aplicativo Não Me Perturbe ou por meio dos Programas de Proteção e Defesa do Consumidor (Procons) em todo o país. O bloqueio ocorre em até 30 dias após o cadastro no site (ABR).

O maior risco em tempos de tensão geopolítica não vem de fora

Luciana Zanini (*)

A cada novo ruído geopolítico, o mercado reage com um susto de principiante

Parece que estamos sempre diante de um evento inédito, quando, na verdade, a história se repete. As manchetes se acumulam, as análises se atropelam e o investidor fica ali, no meio do caminho, oscilando entre o pânico total e a euforia injustificada.

O que vemos agora entre Estados Unidos e Venezuela traz, sim, um componente novo: a velocidade. Disputas diplomáticas estão redesenhando fluxos de energia e contaminando o humor global num piscar de olhos. Em poucas horas, o risco é reprecificado. O petróleo sobe, ativos sensíveis perdem o fôlego e o capital corre para se esconder. No Brasil, o impacto é imediato. É o nosso velho conhecido: a vulnerabilidade externa.

É exatamente aqui que precisamos de calma. O perigo real não vem de fora. Ele mora em nossa própria leitura dos fatos, no impulso. A história econômica brasileira cansa de nos mostrar que decisões tomadas no calor do momento custam caríssimo. O investidor que o Brasil precisa hoje não é o “adivinho” de Washington ou Caracas. Não é quem aposta no caos do barril de petróleo. O que o país e o mercado precisam, para ter solidez, é de método. É de quem olha para a própria carteira com racionalidade, entende o risco regional e não troca a estratégia pelo nervosismo do dia.

Na maior parte das vezes, preservar valor passa por evitar a reação apressada. Em ambientes de maior tensão, a disciplina costuma ser mais eficiente do que a tentativa de genialidade. Estratégia bem definida atravessa ciclos. Alocação guiada por ruído costuma tropeçar.

Isso não é ser passivo. É agir com consciência. Significa revisar alocações, sim, e olhar para as commodities dentro do perfil de cada um. E também garantir liquidez e entender que diversificação não é teoria de livro, e sim proteção real no mundo concreto.

Historicamente, o investidor brasileiro subestima a instabilidade da nossa região. Bastam alguns dias de calmaria para que os excessos voltem, até que um novo episódio geopolítico nos traga de volta à realidade. Essa dinâmica mexe com a inflação, influencia o Copom e pressiona o dólar. O que ela não pode é empurrar o investidor para o abismo emocional.

Pode parecer simples demais falar em disciplina diante de um cenário tão complexo. É, porém, justamente o básico que falta quando a temperatura sobe. Não é hora de tentar ser mais esperto que o tabuleiro global. É hora de ser mais consciente que a média, atravessar os períodos turbulentos com menos desgaste e construir patrimônio com mais consistência ao longo do tempo.

(*) - É Investidora, Conselheira, C-Level e CFO do Inhotim.



A – Veículos

A produção brasileira de veículos - o que inclui automóveis, comerciais leves, ônibus e caminhões - registrou alta de 3,5% no ano passado, somando 2,64 milhões de unidades. A informação foi divulgada no dia 15 pela Anfavea. Esse crescimento se deu principalmente por causa dos veículos leves e mantém o país entre os maiores produtores do mundo. As vendas totalizaram 2,69 milhões de unidades, o que representou aumento de 2,1% em relação ao ano anterior. Quanto às exportações, o crescimento foi de 32,1%, com quase 529 mil unidades comercializadas no período (ABR).

B – Combate à Dengue

O Governo de São Paulo dá um passo histórico no combate à dengue. Neste domingo (18) de janeiro, a cidade de Botucatu inicia a vacinação em massa com a Butantan-DV, a vacina 100% brasileira desenvolvida pelo Instituto Butantan, que protege dos quatro sorotipos da doença. A campanha será realizada no município de Botucatu, escolhido pela sua estrutura de saúde e pela experiência comprovada em operações de vacinação em massa contra a Covid-19. A estratégia tem como meta proteger 90% da população entre 15 e 59 anos e avaliar a efetividade do novo imunizante, que já demonstrou segurança e eficácia em estudos clínicos anteriores.

C – Temporada de Verão

O turismo brasileiro vive o que deve se confirmar como a maior temporada de verão da história em volume de negócios, com uma projeção de faturamento de R\$ 218,77 bilhões entre dezembro de 2025 e fevereiro de 2026. O montante representa um crescimento de 3,7% em relação ao mesmo período do ano anterior. O otimismo é sustentado, principalmente, pelo aumento expressivo de 42,2% na chegada de visitantes estrangeiros ao país no acumulado de janeiro a outubro de 2025. Os números foram apurados pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC).

D – Ativos Digitais

A cidade de São Paulo será palco do principal debate sobre regulação de ativos digitais, stablecoins e infraestrutura blockchain na América Latina com o primeiro MERGE São Paulo 2026, um dos maiores eventos globais de Web3, blockchain e criptoativos. Entre os dias 17 e 19 de março de 2026, o evento reunirá mais de 5.000 participantes e 300 palestrantes, conectando reguladores, instituições financeiras, formuladores de políticas públicas e empresas do ecossistema digital do Brasil e do mundo. Para mais informações, visite o website (<https://www.mmerge.io/pt>).

E – Oportunidade

A VLI – companhia de soluções logísticas que opera ferrovias, portos e terminais – está com processo seletivo aberto para preencher 12

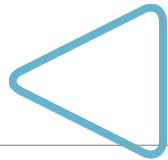
vagas para cargos operacionais em Santos, no estado de São Paulo. São quatro oportunidades para operador de manobra, três para maquinista de manobra e cinco para trainee operacional, sendo estas últimas exclusivas para pessoas com deficiência (PCDs). Os interessados têm até o dia 21 de janeiro para se inscreverem na página de carreira da empresa no site: (<https://www.vli-logistica.com.br/vagas/>)

F – Atrações Mundiais

A Roda FG é uma das três finalistas mundiais na categoria "Melhor LBE do Ano" (Location-based Entertainment/Atração Baseada em Localização) no IAAPA Brass Ring Excellence Awards 2025. O prêmio, concedido pela IAAPA (Associação Global a Indústria de Atrações), é considerado o "Oscar" do setor, reconhecendo organizações que elevam a experiência do visitante e demonstram criatividade e excelência operacional. A atração de Balneário Camboriú (SC) disputa o título ao lado de dois grandes atrativos da Alemanha e dos Estados Unidos: o Deutschlandmuseum, um museu imersivo em Berlim e o Sixty to Escape Woodfield, referência em jogos de estratégia em Illinois.

G – Segredos do Marketing

Empreendedores que desejam vender e lucrar mais utilizando o marketing de forma estratégica têm encontro marcado no dia 10 de fevereiro (terça-feira), às 19h, no Centro de Capacitação & Negócios da ACISA – Associação Comercial e Industrial de Santo André. Conduzido pelo especialista Ricardo Tamassia, o evento pretende desmistificar o conceito de marketing e retomar sua essência, baseada nos 4 Ps, para demonstrar como essa ferramenta pode impulsionar o faturamento e o lucro de pequenas e médias empresas. As inscrições são gratuitas e já estão disponíveis em (<https://bit.ly/CCN-10Fev26>).





Livros em Revista

Ralph Peter (ralphpeter@agenteliterarioralph.com.br)



201 Filmes para Assistir Com Seus Filhos de 9 a 18 anos

Maurício Passaia – Literare – Obra com título auto explicativo. O agora tabelião catarinense, sempre apaixonado pela sétima arte, resolveu colocar no papel sua plena sabedoria cinematográfica. Uma boa ideia. Sugere o filme, conta sua história e explica-o como ninguém. Não os critica, simplesmente os expõe e “assista-os quem quiser”. Há filmes para todos os gostos. Uma bela sacada. Entretenimento garantido!



Propósito de Vida da Pessoa Idosa: Conceitos, abordagens e propostas de intervenções gerontológicas

Cristina Cristovão (Org) – Summus – Estamos vivendo uma época na qual não há mais limites para uma vivência, ou seja, há cerca de 30 ou 40 anos pessoa com 50 anos era considerada velha e quase imprestável. Em tempos atuais assistimos a um ambiente diferente. Vive-se muito mais e melhor! Cabe a pergunta: Até que ponto isso é bom? Os doutos articulistas desta obra respondem com galhardia absoluta. Propostas e dicas são apresentadas em cada página. Obra de fundamental importância, para conscientização de toda sociedade. Muito oportuna!



Petismo e Bolsonarismo: Populismo brasileiro

Marcelo Metzner – Ipê das Letras – A obra não é um folhetim de causa política. Antes, o leitor encontrará um material bastante apropriado do cenário sócio político atual. O filósofo autor analisa fatos que muitas vezes passam despercebidos, mesmo por aqueles leitores contumazes. Holofotes são lançados em várias direções, sem inclinações. Em suma: uma análise isenta do atual quadro bipolarizado. Atual!



Inteligência Artificial e o Novo Superciclo de Inovação

Alsones Balestrin – Benvirá – O doutor Alsones é uma figura respeitada não só pela sua atuação em ambientes tecnológicos, como também destaca-se nas exaustivas pesquisas, sempre muito bem elaboradas. Nesta obra, não temos somente um assunto em voga, na realidade o autor apresenta o antes, agora e o provável depois dos adventos da I A. Mostra prós e contras com total isenção. Deve ser lido por estudantes, administradores, empreendedores e por curiosos, pois essa é uma realidade inexorável. Há um QR Code para acompanhar eventuais evoluções. Uma convivência obrigatória!!

www.bcctelevision.com.br

Assista ao programa Livros em Revista. Um canal repleto de novidades do universo literário. Entretenimento garantido!

Com apresentação de Ralph Peter.



Proclamas de Casamentos

CARTÓRIO DE REGISTRO CIVIL DE PESSOAS NATURAIS

15º Subdistrito - Bom Retiro

Amanda de Rezende Campos Marinho Couto - Oficial

Faço saber que os seguintes pretendentes apresentaram os documentos exigidos pelo Art. 1525, do Código Civil Atual Brasileiro e desejam se casar:

O pretendente: **TAE SEUK LEE**, nascido nesta Capital, Bom Retiro, SP, no dia 31/03/1984, profissão autônomo, estado civil solteiro, residente e domiciliado neste Subdistrito, São Paulo, SP, filho de Bang Soo Lee e de Kyung Hwa Lee. A pretendente: **MAYUMI ADATI GUIMARÃES**, nascida em Niterói, RJ, no dia 06/08/1989, profissão designer, estado civil solteira, residente e domiciliada neste Subdistrito, São Paulo, SP, filha de José Renato Guimarães e de Myria Coelho Adati Guimarães.

O pretendente: **EUN KYE LEE**, nascido na Coreia do Sul, no dia 18/07/1981, profissão pastor, estado civil solteiro, residente e domiciliado neste Subdistrito, São Paulo, SP, filho de Hee Seok Lee e de Jin Sook Choi. A pretendente: **DEBORA JON**, nascida nesta Capital, Jabaquara, SP, no dia 10/11/1995, profissão autônoma, estado civil solteira, residente e domiciliada neste Subdistrito, São Paulo, SP, filha de Bong Ok Jon e de Kum Sook Jon Jin. Se alguém souber de algum impedimento, oponha-se na forma da lei. Lavro o presente, para ser afixado no Oficial de Registro Civil e publicado na imprensa local

Jornal Empresas & Negócios





www.netjen.com.br

TEL: 3043-4171

Sete dicas para contratar crédito consignado sem comprometer o orçamento

Túlio Matos, CEO da iCred, traz sete dicas para avaliar condições, custos e impactos do consignado para não comprometer as finanças além do planejado em 2026

Com a chegada de 2026, muitos brasileiros consideram recorrer ao empréstimo consignado para organizar as finanças, quitar dívidas ou arcar com os gastos do começo do ano. A modalidade segue como uma das alternativas mais acessíveis do mercado.

“O consignado pode ser um aliado importante para quem busca organizar o orçamento, mas ele precisa ser usado com consciência para não transformar uma solução em um problema”, alerta Túlio Matos, CEO da iCred, fintech especializada em crédito consignado para beneficiários do INSS, antecipação do FGTS e consignado trabalhador.

Para apoiar consumidores que pretendem contratar este ano, o executivo reuniu sete orientações práticas para analisar o crédito com segurança.

• **Revise sua renda e despesas fixas** - Antes de contratar qualquer modalidade de crédito, é essencial ter clareza sobre o que entra e o que sai do orçamento todos os meses. A análise da renda líquida, somada às despesas fixas, como moradia, alimentação, transporte e contas essenciais, permite entender quanto realmente está disponível para assumir novas parcelas sem comprometer o equilíbrio financeiro.

“Ter essa fotografia completa do orçamento é o primeiro passo para uma decisão consciente. Um consignado bem planejado precisa caber no mês a mês sem apertar o consumidor”, afirma Túlio Matos.

• **Projete seu fluxo de caixa pelos próximos meses** - Mas planejar o fluxo de caixa não significa apenas verificar quanto entra e sai hoje, mas antecipar como o orçamento pode se comportar nos próximos meses. Isso inclui considerar reajustes de contas, possíveis mudanças de renda, despesas



sazonais como impostos, matrículas ou viagens, e até imprevistos comuns no início do ano. Ao visualizar o comportamento futuro das finanças, o consumidor entende se a parcela continuará confortável mesmo diante de mudanças.

“Muitas vezes o problema não está na parcela de agora, mas na falta de preparo para o que vem depois. Antecipar cenários ajuda o consumidor a evitar surpresas e garante que o consignado seja sustentável ao longo do contrato”, explica o CEO.

• **Verifique a margem consignável** - A margem consignável determina o percentual máximo da renda que pode ser comprometido com parcelas descontadas diretamente em folha. O cálculo desse limite varia conforme o tipo de contrato e o perfil do consumidor, e funciona como um parâmetro para evitar que o valor das parcelas ultrapasse o permitido pela legislação. Conhecer esse limite antes da contratação ajuda a entender quanto é possível financiar e quais opções estão disponíveis.

“Quando o consumidor entende a própria margem, ele ganha clareza sobre o espaço real que tem para contratar crédito. Isso evita excessos e torna a decisão mais segura”, reforça Matos.

• **Compare taxas entre instituições** - As condições do consignado variam entre bancos, fintechs e tipos de contrato, e a diferença pode representar

uma economia significativa ao final do pagamento. Segundo levantamento do Procon-SP realizado em junho de 2025, as taxas médias para consignado variaram de 1,84% ao mês, no caso de aposentados do INSS, a 4,32% ao mês no programa Crédito do Trabalhador, reforçando a importância de comparar ofertas e avaliar condições antes da contratação.

“Hoje o cliente tem ferramentas para comparar, simular e até portar o crédito. Isso empodera o consumidor e torna o processo mais transparente”, comenta Matos.

• **Use o crédito com um objetivo definido** - O crédito consignado é mais eficiente quando está vinculado a uma finalidade específica, como a quitação de dívidas existentes, a antecipação de despesas previstas ou a reorganização do orçamento. Definir previamente o uso do valor contratado permite avaliar se o empréstimo é adequado à necessidade e facilita o planejamento das parcelas ao longo do contrato.

Segundo Túlio Matos, “a falta de um objetivo para a quantia emprestada tende a levar ao uso impulsivo e ao endividamento desnecessário. Quando o consumidor já sabe exatamente para onde o recurso será destinado, ele consegue estruturar melhor a contratação e evitar decisões tomadas apenas pela disponibilidade do crédito.”

• **Evite contratar mais de um consignado ao**

mesmo tempo - Acumular operações de consignado reduz a margem financeira disponível e aumenta o risco de comprometimento excessivo da renda. Mesmo que as taxas sejam atrativas, múltiplos descontos em folha podem fragilizar a saúde financeira do consumidor.

“O consignado foi pensado para ser uma ferramenta de apoio, não uma solução recorrente para todos os problemas. Acumular contratos tira o benefício da previsibilidade”, afirma o executivo.

• **Considere antecipar parcelas apenas se houver vantagem clara** - Antecipar parcelas pode ser uma alternativa para reduzir o custo total do contrato ou encurtar o prazo de pagamento, dependendo das condições oferecidas pela instituição financeira. Antes de optar por essa modalidade, é necessário verificar se há disponibilidade no orçamento e se a antecipação não afetará compromissos já planejados ou a manutenção de reserva financeira.

“A antecipação deve ser uma decisão estratégica, não impulsiva. É importante avaliar se ela realmente traz ganho financeiro e não compromete a segurança da família”, afirma o CEO.

“No início do ano, o aumento natural das movimentações financeiras exige atenção redobrada das famílias, independentemente do tipo de solução escolhida. Ao acompanhar de perto as condições do mercado, entender como cada modalidade funciona e avaliar com cuidado o impacto das decisões no início de 2026, o consumidor amplia sua capacidade de organização e planejamento. Esse olhar estruturado para o orçamento contribui para escolhas mais seguras e alinhadas ao contexto de cada pessoa, iniciando o ano com maior previsibilidade sobre as finanças e sobre os compromissos futuros”, conclui o executivo.

Sesc realiza Pesquisa de Satisfação para ouvir o público e aprimorar serviços

Iniciativa reforça a escuta ativa e contribui para a qualificação das ações desenvolvidas pela instituição. O Sesc realiza a Pesquisa de Satisfação “O Sesc que eu vejo”, iniciativa que convida o público a contribuir diretamente para a melhoria dos serviços, ações e experiências oferecidas pela instituição. A proposta é compreender a percepção de quem participa das atividades, fortalecer o trabalho desenvolvido e ampliar o impacto social das iniciativas.

Construído diariamente com a participação de pessoas que vivem, frequentam e compartilham o Sesc, o processo de escuta integra a base da atuação institucional. A pesquisa reafirma esse compromisso ao abrir espaço para avaliação e contribuição do público, orientando decisões e aprimoramentos.



A participação é simples e rápida. O questionário leva de três a cinco minutos para ser respondido, as respostas são confidenciais, não há identificação dos participantes e o processo atende integralmente à Lei Geral de Proteção

de Dados (LGPD). A pesquisa pode ser respondida até o dia 31 de março.

A opinião de cada participante contribui para o aperfeiçoamento contínuo dos serviços e reforça o compromisso do Sesc com a promoção da qualidade de vida e do bem-estar do trabalhador do comércio de bens, serviços e turismo, seus dependentes e a comunidade. A iniciativa integra o trabalho do Sistema Comércio, por meio da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), da Fecomércio-MT, do Sesc e do Senac.

Para participar, basta acessar o site sesc.com.br/pesquisa e responder ao questionário. O Sesc é construído com a participação de quem vive suas atividades diariamente, e ouvir essas vozes fortalece a atuação institucional.

Cinco dicas para proteger o setor financeiro de ataques cibernéticos

Especialista da Vericode alerta para riscos no ambiente digital e aponta práticas essenciais para garantir segurança, disponibilidade e confiabilidade operacional

No setor financeiro, a confiança é um ativo tão valioso quanto o próprio capital. Bancos, fintechs e corretoras operam diariamente com milhões de transações e dados sensíveis, em um ambiente cada vez mais digital, integrado e competitivo. Nesse contexto, qualquer falha em sistemas críticos pode resultar em prejuízos milionários, danos reputacionais e riscos regulatórios severos. O segmento lidera o ranking de incidentes cibernéticos no Brasil em 2025, concentrando 20,18% de todos os ataques registrados, segundo levantamento da ISH Tecnologia.

Além disso, o Relatório Global de Segurança na Nuvem 2024, da Check Point, aponta que incidentes em ambientes cloud cresceram de 24% em 2023 para 61% em 2024, um aumento de 154% em apenas um ano. Para Marcelo Marchi, CEO e sócio fundador da Vericode, especializada em qualidade de software, automação de testes e observabilidade, em um contexto de crescente dependência dos sistemas digitais para a continuidade dos negócios, a alta disponibilidade assume um papel estratégico. “Hoje, não se trata apenas de performance ou uptime, mas de resiliência operacional diante de falhas técnicas, ataques cibernéticos e picos inesperados de demanda”, afirma.

A seguir, o executivo elencou cinco dicas para proteger o setor financeiro de ataques cibernéticos:

1. Incorpore a segurança desde o início com uma cultura de DevSecOps
Falhas graves costumam surgir ainda na fase de desenvolvimento, quando a segurança é tratada apenas como uma etapa final. O DevSecOps é uma abordagem que integra desenvolvimento (Dev), segurança (Sec) e operações (Ops) desde o início do ciclo de criação de sistemas.

Ao antecipar a identificação de vulnerabilidades, as empresas reduzem riscos, ganham agilidade e evitam que problemas cheguem ao ambiente de produção. “Quando a segurança entra só no final, o custo do erro é sempre maior. O DevSecOps permite corrigir falhas ainda no código, antes que elas se tornem incidentes críticos”, destaca Marcelo Marchi.



2. Aposte em testes contínuos e automatizados

Testes manuais e pontuais já não são suficientes para sistemas financeiros complexos e altamente integrados. A automação de testes contínuos permite identificar falhas rapidamente e reduzir o risco de indisponibilidades. Plataformas como o dott.ai, da Vericode, utilizam Inteligência Artificial para executar testes de forma contínua, garantindo previsibilidade, qualidade de entrega e redução de custos operacionais sem comprometer a segurança.

3. Invista em observabilidade completa do ambiente

Acompanhar apenas logs já não é suficiente para garantir a estabilidade de sistemas financeiros complexos. Esses registros mostram o que aconteceu em um sistema, como erros, acessos e eventos, mas isoladamente oferecem uma visão limitada do funcionamento da operação. A observabilidade vai além do monitoramento tradicional ao reunir métricas de desempenho, rastreamento das transações e alertas inteligentes, criando uma visão integrada de todo o ambiente tecnológico.

Com essa abordagem, as equipes conseguem identificar comportamentos fora do padrão em tempo real, entender a origem dos problemas e agir antes que eles afetem clientes ou operações críticas. Para Marcelo Marchi, esse nível de visibilidade é decisivo: “Observabilidade não é só saber que algo falhou, mas entender rapidamente onde, por que falhou e qual será o impacto no negócio”, explica.

4. Aplique práticas de Site Reliability Engineering (SRE)

O Site Reliability Engineering (SRE) é uma abordagem que une engenharia e operação para garantir que sistemas críticos funcionem de forma estável,

previsível e escalável, mesmo sob pressão. Na prática, o SRE ajuda as empresas a inovar sem comprometer a confiabilidade dos serviços digitais. Dentro desse modelo, os SLOs (Service Level Objectives) funcionam como metas internas que indicam o nível ideal de disponibilidade, desempenho e tempo de resposta dos sistemas.

Já os SLAs (Service Level Agreements) são os compromissos formais assumidos com clientes, definindo o nível mínimo de serviço que deve ser entregue. Ao acompanhar esses indicadores de forma contínua, as empresas conseguem identificar riscos antes que eles se tornem falhas graves, priorizar correções e responder rapidamente a incidentes, mesmo em momentos de alta demanda ou durante ataques cibernéticos.

5. Controle custos e eficiência com FinOps

Em ambientes de nuvem, crescimento sem controle pode gerar desperdícios e riscos operacionais. O FinOps garante transparência, governança e otimização do uso de recursos, alinhando tecnologia e estratégia de negócio. Mais do que reduzir custos, essa disciplina assegura que investimentos em infraestrutura digital gerem retorno sustentável sem comprometer performance ou segurança.

Segundo Marcelo Marchi, falhas críticas não são inevitáveis, mas resultado de decisões mal estruturadas. “Empresas que investem em previsibilidade, observabilidade e segurança integrada conseguem antecipar problemas e manter a confiança do mercado, mesmo em um cenário de ataques constantes”, conclui.

Para mais informações, acesse: <https://vericode.com.br/pt>.

Planos de saúde empresariais baratos: economia que pode sair cara

José dos Santos Santana Júnior (*)

Nos últimos anos, muitos brasileiros passaram a buscar planos de saúde mais baratos como alternativa aos preços cada vez mais elevados dos contratos individuais

Nesse cenário, os chamados planos coletivos empresariais, especialmente os vinculados ao MEI, ganharam enorme popularidade. A lógica parece simples: abrir um CNPJ como microempreendedor individual e, com isso, acessar um plano empresarial com mensalidades significativamente menores. A proposta soa prática, rápida e econômica. E é justamente isso que atrai tantos consumidores.

O problema é que essa aparente solução esconde uma realidade pouco conhecida. O que muitos enxergam como um simples “atalho” para economizar pode, na prática, resultar em um dos maiores focos de conflito da saúde suplementar hoje: o chamado plano falso coletivo. Trata-se de contratos empresariais firmados sem a existência de um vínculo profissional real, situação comum quando o MEI é aberto exclusivamente para viabilizar a contratação do plano.

Os riscos costumam surgir com o passar do tempo. No início, o plano barato realmente parece vantajoso. No entanto, os planos coletivos empresariais, diferentemente dos individuais, não estão sujeitos aos limites de reajuste definidos pela Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS). Os aumentos são calculados com base no desempenho do grupo. Bastam algumas internações, cirurgias, exames ou tratamentos de maior complexidade para que o reajuste anual se torne completamente desproporcional. Há inúmeros relatos de famílias que começaram pagando cerca de R\$ 300 e, em poucos anos, passaram a arcar com mensalidades superiores a R\$ 900.

Outro ponto raramente destacado é o risco de cancelamento unilateral.

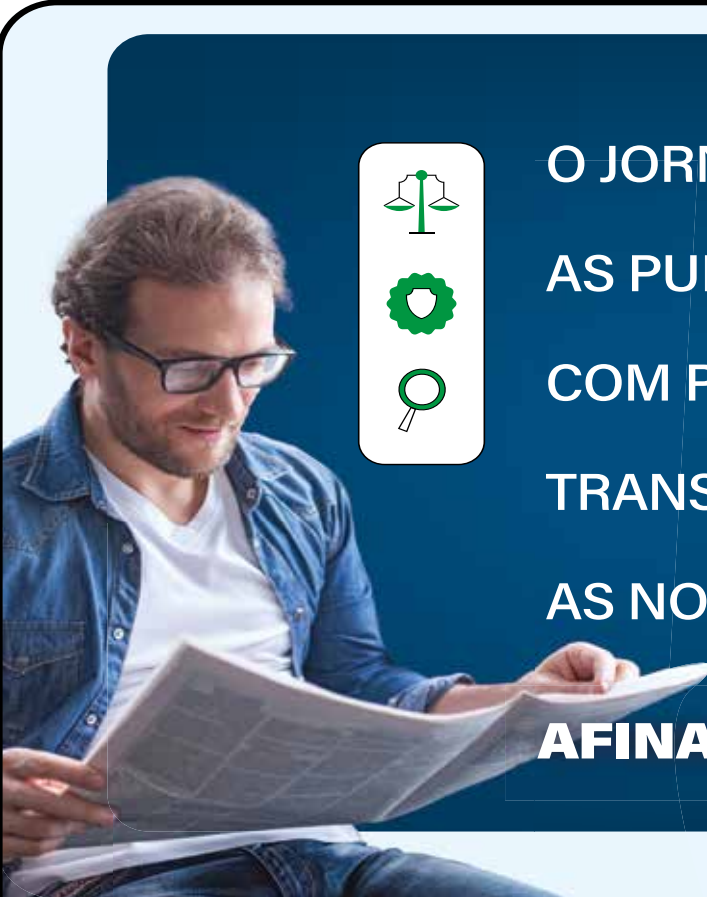
Como o contrato empresarial depende de um vínculo que, muitas vezes, não existe de fato, essa fragilidade pode ser utilizada pela operadora para rescindir o plano justamente quando ele se torna mais necessário. Consumidores em tratamento de doenças crônicas ou em uso contínuo de serviços descobrem, tardiamente, que o contrato pode ser encerrado sob o argumento de inexistência de uma empresa real que sustente o vínculo.

É por isso que especialistas alertam com insistência para os perigos do plano falso coletivo. Não se trata apenas de economia imediata, mas de segurança jurídica e assistencial no longo prazo. Um plano de saúde precisa ser estável, previsível e confiável, características que dificilmente estão presentes quando o contrato se apoia em uma relação empresarial artificial.

A boa notícia é que o Judiciário tem reconhecido que muitos consumidores são induzidos a esse tipo de contratação sem plena compreensão dos riscos envolvidos. Em diversas decisões, os tribunais têm reclassificado esses contratos como planos individuais quando fica demonstrado que o MEI não possui atividade econômica efetiva. Essa requalificação garante proteções que deveriam existir desde o início: controle de reajustes, manutenção da cobertura e, em alguns casos, devolução de valores cobrados indevidamente.

Por isso, antes de optar por um plano de saúde aparentemente mais barato na modalidade empresarial ou MEI, é fundamental refletir com cautela. Esses contratos não são, por si só, ilegais, mas podem se tornar altamente prejudiciais quando utilizados apenas para mascarar uma relação que não tem base real. A economia inicial pode custar caro no futuro, seja por aumentos imprevisíveis, insegurança contratual ou pelo cancelamento do plano no momento mais delicado da vida.

(*) Advogado especialista em Direito Empresarial e da Saúde e sócio do escritório Mariano Santana Sociedade de Advogados.



O JORNAL CERTIFICA
AS PUBLICAÇÕES LEGAIS
COM PONTUALIDADE E
TRANSPARÊNCIA, CUMPRINDO
AS NORMAS JURÍDICAS.
AFINAL, O JORNAL É LEGAL.

Edital de Intimação, prazo de 20 dias, Processo Nº 0002274-33.2025.8.26.0010. O MM. Juiz de Direito da 3ªVC, DO Foro Regional, x – Ipiranga, Estado de São Paulo, Dr. Carlos Antônio da Costa, na forma da lei, etc. Faz Saber a DANIELLE DOS SANTOS LIMA, CPF: 414.232.298-27, que diante da procedência e trânsito em julgado da ação Monitória Nº 1000490-77.2020.8.26.0010, foi proposta por parte de União Social Camiliana o incidente de Cumprimento de Sentença. Encontrando-se a ré, doravante executada, em lugar incerto e não sabido, foi determinada a sua intimação por edital para, no prazo de 15 (quinze) dias, a fluir após o prazo supra, pagar o débito exequendo de R\$ 16.797,42, corrigido monetariamente a partir de Junho/2025 e acrescido dos juros de mora a partir de Julho/2025, ficando advertida de que, transcorrido tal prazo sem o pagamento, será automaticamente iniciado o prazo de 15 (quinze) dias para apresentar impugnação independentemente de penhora ou de nova intimação (CPC, art. 525), e não ocorrendo pagamento o débito será acrescido de multa de 10% (dez por cento) e de honorários advocatícios de 10% (dez por cento), nos termos do art. 523 § 1º, do CPC, ficando também intimada para recolher as despesas judiciais de R\$ 779,68. Será o presente edital, por extrato, afixado e publicado na forma da lei. Nada Mais.



O verdadeiro valor do SOC e NOC: a diferença entre monitorar e prevenir incidentes

Durante muito tempo, falar em Security Operations Center (SOC) e Network Operations Center (NOC) foi quase sinônimo de ter alguém olhando telas com painéis coloridos, gráficos em tempo real e alertas pipocando

Para muitas organizações, isso ainda é entendido como maturidade operacional, mas a verdade incômoda é que monitorar, por si só, não protege ninguém, no máximo, avisa que algo já deu errado.

Monitorar é reagir ao evento consumado, prevenir é interferir na cadeia de causas antes que o incidente se materialize. Comisso, um NOC que apenas acompanha disponibilidade percebe a queda quando o serviço já está indisponível. Um SOC que só correlaciona alertas descobre o ataque quando o dado já foi acessado. Em ambos os casos, o prejuízo já começou a ser contabilizado.

Prevenção exige leitura de contexto e não apenas de métricas, além de entender o comportamento normal da operação, os padrões de tráfego, os fluxos críticos do negócio e principalmente, onde estão os riscos reais. Um pico de latência pode ser apenas ruído técnico ou o prenúncio de uma falha em cascata. Um login fora do padrão pode ser um erro humano ou o primeiro passo de um movimento lateral malicioso. A diferença não está na ferramenta, mas na capacidade analítica e na maturidade do processo.

Sylvio Herbst (*)

SOC e NOC não existem para defender a TI, mas para proteger o negócio

Quando a discussão fica restrita a Service Level Agreement (SLA) técnicos, se perde a visão do que realmente importa, que é o impacto financeiro, reputacional, regulatório e em muitos setores, assistencial. Prevenir incidentes não é evitar alertas, é evitar interrupções que afetam faturamento, operações críticas, segurança do paciente ou a confiança do cliente.

Também é preciso abandonar a ilusão de que prevenção é um estado definitivo, já que não existe ambiente seguro, existe ambiente resiliente. O verdadeiro valor de SOC e NOC maduros está na capacidade de aprender com sinais fracos, ajustar controles, antecipar tendências e reduzir a superfície de ataque e de falha continuamente. Isso passa por automação, sim, mas passa sobretudo por gente capacitada, processos bem definidos e decisões orientadas por risco.

No fim do dia, a pergunta que líderes deveriam se fazer não é “quantos alertas meu SOC ou NOC trata por dia?”, mas “quantos incidentes deixaram de acontecer por decisões tomadas antes do problema surgir?”. Quando essa resposta começa a existir, SOC e NOC deixam de ser centros de custo reativos e passam a ocupar o lugar que sempre deveriam ter tido: o de guardiões silenciosos da continuidade e da confiança do negócio.

(*) Formado em engenharia de telecomunicações e pós-graduado em marketing, co-fundador e diretor comercial de marketing na SF Soluções em TI

Seis tendências de inovação para 2026

Inovar nunca foi apenas sobre tecnologia, mas sobre aliar uma visão de futuro, capacidade de adaptação e estratégia para se antecipar e sobressair

Alexandre Pierre (*)

O mercado vive cenários de grandes mudanças e transformações que exigem das empresas não apenas investir nessas inovações, mas, acima de tudo, saber quais integrar, com eficácia, à realidade do negócio, ganhando ainda mais escalabilidade, maturidade e vantagem competitiva.

Em 2026, o cenário global continuará desafiador: custos pressionados, consumidores mais conscientes, mercados mais voláteis e uma concorrência cada vez mais digital. E é justamente nesse cenário que as tendências inovadoras se tornam peças estratégicas - não apenas de sobrevivência, mas para construir uma base de crescimento mais sólida em 2027.

Pensando nisso, veja seis dessas tendências que mais se destacarão este ano:

#1 Inverno e bolha de IA

O termo do AI Winter, surgido na década de 80, descreve períodos em que o entusiasmo pela inteligência artificial teria uma grande queda, normalmente visto após um ciclo de altas expectativas – algo que poderemos notar em 2026. Isso porque, segundo um estudo recente da Gartner, apenas 6% dos CFOs notaram um aumento no lucro ou receita com essa tecnologia. A IA não está gerando o retorno que tanto se esperava, o que pode levar ao fechamento de portas de muitas empresas e a um efeito cascata grave em termos econômicos para todo o mercado.

#2 Mudanças geopolíticas

A corrida pela supremacia em IA está reconfigurando o mercado global, cujos acordos e mudanças vêm fazendo emergir novas potências referências nessa tecnologia como, por exemplo, a China, que já está ganhando forte visibilidade em suas inovações de computação quântica, 6G, e demais serviços estruturados com essa ferramenta. Qualquer alteração nessa competição impacta, diretamente, a logística e o fornecimento de soluções tecnológicas ao mundo.

#3 Computação quântica

Muitos projetos nesse sentido já estão sendo desenvolvidos na China,



Olivia Grigorita's Images_CANVA

e devem ganhar força este ano na prestação de serviços pautados com essa tecnologia. Ela permitirá uma maior velocidade em simulações computacionais, agilizando as tomadas de decisões e desenvolvimento de ações que, antes, poderiam levar meses ou anos. Segundo estimativas de um levantamento do InvestingPro, este mercado deve atingir uma receita de US\$ 2 bilhões em 2026, uma área extremamente rica a ser explorada.

#4 Dados, confiança e governança

Cada vez mais, por conta não apenas da IA, mas também do IB e das intensas transformações tecnológicas, é essencial ter confiança nos dados que são analisados como base para as tomadas de decisões. Afinal, sem informações reais e confiáveis, os riscos de estratégias sem retorno são altos. É aqui que a governança se faz presente, crucial para garantir essa segurança, ainda mais quando apoiada por metodologias internacionais que reforcem medidas nesse sentido, como a ISO 27001 – mitigando riscos de fraudes e vazamentos que prejudiquem as operações.

#5 Transformação do trabalho

A tecnologia nunca substituirá o trabalho humano. Contudo, é fato que, conforme tivermos cada vez mais avanços digitais, todo o mercado se transformará, criando posições e vagas imersas nesse universo – ao

mesmo tempo em que outras podem deixar de existir com o tempo. Essas mudanças exigem que as empresas invistam na capacitação de seus times, fornecendo o conhecimento necessário para que usufruam dos recursos e benefícios que essas soluções podem oferecer.

#6 Economia prateada

Muitas dificuldades têm sido relatadas nos ambientes profissionais em lidar com as gerações mais novas, pouco pacientes ao mundo corporativo. Isso vem fazendo com que muitos gestores estejam contratando talentos mais seniores, dando espaço para que reingresssem no mercado e tragam toda a sua bagagem e experiência aos tempos modernos – o que, certamente, também favorece muito a pluralidade de visões e pensamentos a fim de transformar ideias em geração de valor.

O ano de 2026 será marcado por grandes dificuldades e inflexões, ainda mais diante de eventos globais como a Copa do Mundo, conflitos geopolíticos e as eleições nacionais. Ao mesmo tempo, pode ser um período de importantes transformações ao mercado, que exigirá o mesmo movimento de adaptação por parte das empresas. Afinal, só aquelas que souberem como se adaptar, com estratégia, neste intenso dinamismo, conseguirão colher frutos maduros em 2027.

(*) - É mestre em gestão e engenharia da inovação, engenheiro mecânico, bacharel em física e especialista de gestão da PALAS, consultoria pioneira na implementação da ISO de inovação na América Latina.

Por que as competências socioemocionais importam e como preparam os jovens para os desafios do mundo do trabalho?

As cinco soft skills que podem moldar comportamentos, escolhas e trajetórias profissionais, segundo a coordenadora do Ensino Médio Técnico do Senac São Paulo, Fernanda Yamamoto.

O mercado de trabalho vem passando por uma transformação profunda: talentos técnicos continuam valorizados, mas cada vez mais as empresas apontam as chamadas soft skills como decisivas na hora da contratação e do crescimento profissional. Algumas das mais desejadas pelos empregadores são comunicação, trabalho em equipe, resolução de problemas, proatividade e pensamento analítico.

Além disso, essas competências podem ser tão importantes quanto as habilidades técnicas para o sucesso no ambiente profissional. Nesse contexto, formar jovens com apenas conhecimentos teóricos pode não bastar. A chave atual é desenvolver um conjunto amplo de habilidades que permitam adaptação, colaboração, autonomia e pensamento crítico. Fernanda

Yamamoto, afirma que “as soft skills deixaram de ser diferencial; elas são pré-requisito para quem deseje entrar e se desenvolver no mundo do trabalho.

Para Fernanda, há cinco competências comportamentais que o Ensino Médio Técnico desenvolve de forma especialmente forte, e que coincidem diretamente com as mais demandadas pelo mercado de trabalho. A seguir, ela detalha quais são essas habilidades e por que fazem diferença e como os jovens podem começar a cultivá-las desde cedo.

1 – Autoconhecimento: entenda seu perfil para fazer escolhas conscientes

“O primeiro passo para buscar uma carreira alinhada com seus interesses e valores é conhecer bem quem você é. Na escola, os estudantes têm a chance de experimentar funções diferentes, programar, prototipar, documentar, apresentar, e isso ajuda a perceber: onde me sinto mais à vontade? Onde rendo melhor?”, explica. Para

ela, essa consciência individual é a base para decisões profissionais mais assertivas e maior satisfação no longo prazo.

Sugestão prática: teste diferentes papéis em projetos escolares ou extracurriculares; reflita sobre suas reações; registre o que gostou e o que incomodou. Isso pode ajudar a construir uma “bússola pessoal” de interesses.

2 – Pensamento crítico e emancipação: competências essenciais num mundo incerto

O mercado valoriza quem analisa cenários, questiona o óbvio e toma decisões fundamentadas. “Quando o estudante aprende a investigar causas, levantar hipóteses, avaliar consequências e justificar escolhas, ele pratica o pensamento crítico, uma habilidade que, hoje, é tão ou mais valorizada do que a capacidade teórica”, diz Fernanda.

Dica prática: enfrente problemas reais em estudos, projetos e estágios, fazendo perguntas: por que isso acontece? Quais alternativas

existem? Que impacto cada opção pode ter? Aprender a questionar é aprender a pensar.

3 – Autonomia e iniciativa: ser protagonista da própria trajetória

Com o mundo cada vez mais dinâmico, a capacidade de se organizar, decidir, cumprir prazos e adaptar-se é muito importante. “O estudante não pode esperar que tudo seja entregue de bandeja, ele deve planejar, executar, ajustar, revisar. Isso constrói autonomia e preparo para a incerteza do mundo real”, diz.

Dica prática: assuma responsabilidades concretas desde cedo. Organize tarefas, cumpra compromissos e reflita sobre seus resultados. A autonomia deve ser construída.

4 – Comunicação eficaz: transmitir ideias com clareza

Se há uma soft skill que está sempre nas listas das mais importantes, é a comunicação. “Saber explicar, argumentar, documentar e apresentar ideias é tão impor-

tante quanto saber fazer, porque, sem isso, seu trabalho pode passar despercebido”, diz Fernanda.

Dica prática: pratique apresentações, relatórios ou discussões, mesmo curtas, e trabalhe a clareza da sua mensagem. Treinar o ‘como comunicar’ pode ser o diferencial em seleções e equipes.

5 – Colaboração e trabalho em equipe: unir forças para multiplicar resultados

Em ambientes cada vez mais interdisciplinares e colaborativos, ser capaz de trabalhar bem com perfis diferentes, negociar, escutar, contribuir e liderar em grupo faz toda a diferença. “Projetos escolares também exigem cooperação. Quem aprende a colaborar, construir em conjunto, conciliar ideias diversas, pode se destacar”, completa.

Dica prática: envolva-se em projetos de grupo, seja na escola, na comunidade ou em trabalho voluntário. Valorize o diálogo, divida responsabilidades, escute ativamente e busque contribuir para o coletivo.

Empatia orientada por dados

A tecnologia já não é mais um suporte ao setor de alimentação: tornou-se o próprio alicerce da gestão

Michel Lisboa e Cruz (*)

Com ela, é possível oferecer aos estabelecimentos informações em tempo real, de forma mais rápida e precisa, gerando insights valiosos para aprimorar vendas, otimizar processos internos e até definir escalas de pessoal de maneira mais eficiente. Essa integração permite decisões mais assertivas e cria um ambiente em que o restaurante opera com fluidez e previsibilidade.

Nesse contexto, a hospitalidade assume um novo significado. Deixa de ser apenas cordialidade e passa a representar a capacidade do restaurante de criar relações consistentes com o cliente. No food service, hospitalidade significa compreender quem está à mesa, atender expectativas antes que elas se tornem solicitações e transformar cada interação em um momento positivo. Quando a tecnologia apoia esse processo, o estabelecimento amplia a capacidade de acolher sem perder a naturalidade do toque humano.

Mas eficiência, sozinha, não basta. O grande desafio do novo food service é descobrir como transformar essa



andres CANVA

inteligência operacional em resultados concretos. Isso passa por uma pergunta essencial: como gerar mais vendas e, ao mesmo tempo, mais hospitalidade?

A resposta está no conhecimento sobre o cliente. Quando o restaurante entende preferências, hábitos e histórico de consumo, cada interação ganha significado. O consumidor quer ser reconhecido, mas não vigiado. Busca atenção, mas com leveza. Imagine um cliente que faz uma reclamação em um aplicativo de delivery. Na próxima compra, o sistema identifica o histórico e o restaurante envia uma cortesia e uma mensagem personalizada. Esse simples gesto, amparado por dados, muda completamente a percepção sobre a marca. É empatia

orientada por inteligência.

A mesma lógica vale para experiências inesperadas. Um cliente faz uma reserva e o sistema identifica que ele está no mês do aniversário. Ao chegar, é recebido com um cumprimento e uma entrada de cortesia. A surpresa cria um momento de conexão genuína e é justamente essa combinação entre tecnologia e sensibilidade que redefine o que significa hospitalidade. A nova experiência do cliente nasce da antecipação do desejo, não da reação a ele.

É é nesse ponto que a inteligência artificial assume um papel determinante. Em 2026, ela fará parte do cotidiano do food service. Baseada em dados de vendas, comportamento de clientes

e desempenho de produtos, a IA será capaz de analisar padrões, cruzar informações e oferecer insights práticos para decisões estratégicas.

Com as ferramentas certas, ela ajuda a calcular custos de mercadoria vendida, identificar produtos que comprometem a margem, prever compras para reduzir desperdício e até recomendar fornecedores com base em histórico e qualidade. O gestor deixa de atuar no improviso e passa a liderar com visão de futuro, sem a necessidade de fazer análises complicadas. Com isso, recebe insights baseados em dados baseados em históricos de interação dos consumidores.

O futuro do food service não será marcado pela frieza da automação, mas pela tecnologia com propósito. O segredo está em unir o toque humano do garçom à precisão de um sistema que entende o contexto e o momento de cada cliente. Vender mais é importante, mas vender melhor - com empatia, inteligência e timing - é o que cria vínculo, lembrança e fidelidade com a marca.

(*) - Diretor Comercial e de Customer Success da E-Deploy.

No novo jogo, não vence quem sabe mais do imposto, mas quem entende melhor o próprio negócio

Carlos Pinto (*)

Imagine se a Reforma Tributária brasileira começasse a valer amanhã. Sem período de adaptação, sem postergação e sem “depois a gente vê”

Esse exercício mental, embora hipotético, expõe um comportamento bastante real do empresário brasileiro: a tendência histórica de reagir apenas quando o impacto já chegou ao caixa.

Estudos comportamentais indicam que cerca de 97% das pessoas deixam decisões estruturais para a última hora, enquanto apenas 3% se antecipam, simulam cenários e tomam decisões antes da maioria. No ambiente empresarial, essa diferença costuma separar quem sobrevive de quem lidera.

Uma reforma que não é apenas fiscal, é estrutural

Tratar a Reforma Tributária como um tema exclusivamente fiscal é um erro conceitual grave. Na prática, o que está em curso é uma mudança profunda na lógica econômica dos negócios, especialmente no modelo B2B, onde crédito passou a ser ativo estratégico.

O novo sistema não altera apenas a forma de arrecadação do Estado. Ele reorganiza a dinâmica de geração e aproveitamento de créditos, a formação de preços ao longo da cadeia, a atratividade comercial entre fornecedores e clientes e o equilíbrio competitivo entre empresas do mesmo setor.

Isso significa que empresas que não geram crédito tendem a se tornar menos interessantes comercialmente. Já aquelas que geram com eficiência passam a ocupar posição de vantagem. Não se trata de teoria tributária, mas de economia aplicada ao dia a dia empresarial.

Agora, se a reforma começasse amanhã, muitos empresários perceberiam algo desconfortável, porque o problema não estaria no imposto em si, mas na estrutura frágil do modelo de negócio. As margens construídas sem simulação de cenários, preços definidos sem entender a lógica de crédito e contratos firmados sem cláusulas de ajuste automático passam a se tornar riscos reais. A empresa não perde competitividade porque paga mais tributo — ela perde porque não se preparou para operar em um ambiente diferente.

Nesse novo contexto, preço deixa de ser apenas número e passa a ser estratégia. Quem entende isso antes, ajusta. Quem entende depois, corre atrás.

Cadeia produtiva: quem não se adapta, é substituído

Outro ponto pouco discutido é o efeito da reforma sobre as cadeias produtivas. A lógica passa a ser simples e objetiva: quem gera crédito, permanece; quem não gera, é substituído. As companhias intermediárias, fornecedores B2B e prestadores de serviço passam a ser avaliados não apenas por qualidade ou prazo, mas pela eficiência tributária que entregam ao cliente final. Isso redefine relações comerciais, fidelidade e até critérios de contratação.

O empresário que ignora esse fator corre o risco de perder espaço sem entender exatamente o porquê.

Talvez o maior risco seja a sensação de que ainda há tempo. Historicamente, o mercado brasileiro se acostumou a operar em ambientes de incerteza, apostando que ajustes seriam feitos no meio do caminho. A Reforma Tributária rompe com essa lógica.

Quando o sistema muda, o custo da improvisação aumenta exponencialmente. Quem deixa para se adaptar depois enfrenta margens comprimidas, renegociações forçadas e perda de competitividade. Quem se antecipa ganha tempo, previsibilidade e poder de decisão.

A separação inevitável

Toda grande mudança estrutural cria dois grupos muito claros: os que reagem e os que se antecipam. A Reforma Tributária não vai destruir empresas, mas revelar fragilidades que sempre estiveram ali, mas que antes eram mascaradas por um sistema caótico.

Quem entende isso agora transforma risco em vantagem competitiva, já os que ignoram, serão obrigados a entender quando o impacto já estiver instalado. No fim, a pergunta permanece simples, direta e incômoda: se a Reforma Tributária começasse amanhã, sua empresa estaria preparada ou estaria improvisando?

Porque, no novo jogo, não vence quem sabe mais imposto. Vence quem entende melhor o próprio negócio e lê o cenário antes da maioria.

(*) Diretor do Instituto Brasileiro de Planejamento e Tributação (IBPT).

O que a inadimplência elevada está ensinando às empresas brasileiras

José Clésio (*)

A inadimplência deixou de ser um desvio pontual do ciclo econômico e passou a integrar o cenário estrutural dos negócios no Brasil. Encerramos 2025 com mais de 71 milhões de consumidores inadimplentes, segundo dados do Serasa, um contingente que permanece elevado mesmo em momentos de desaceleração inflacionária e ajustes na política monetária. Para quem atua diretamente com crédito, cobrança e tecnologia, esse número não é apenas um indicador social. Ele funciona como um sinal claro de que antigas práticas empresariais perderam eficácia.

Ao longo da minha trajetória desenvolvendo soluções para negociação e recuperação de crédito, ficou evidente que a primeira lição desse cenário é objetiva. Crédito mal concedido custa mais caro do que crédito negado. Durante anos, muitas empresas priorizaram crescimento acelerado, ampliando limites e flexibilizando critérios sem incorporar análises de risco mais robustas. O resultado aparece agora na elevação dos atrasos, no aumento do custo operacional da cobrança e na compressão de margens. Dados do Banco Central mostram que a inadimplência pressiona spreads e encarece o crédito em toda a cadeia, inclusive para empresas e consumidores adimplentes.

Outro aprendizado importante é que a cobrança deixou de ser uma etapa final do processo comercial. Na prática, ela passou a ser parte integrante da estratégia desde a origem da venda. Empresas que utilizam dados para identificar sinais precoces de risco, ajustam a comunicação e oferecem alternativas de negociação antes do atraso efetivo conseguem reduzir perdas e preservar relacionamento. A inadimplência elevada ensinou que eficiência não está em cobrar mais, mas em cobrar melhor, com inteligência e timing adequado.

Também ficou mais claro que o perfil do inadimplente mudou. Pesquisas recentes do IBGE e do Serasa indicam que uma parcela relevante dos devedores mantém renda ativa, mas enfrenta desorganização financeira, aumento persistente do custo de vida e uso excessivo de crédito de curto prazo. Esse contexto exige das empresas uma leitura menos simplista do atraso. Estratégias baseadas apenas em rigidez tendem a falhar. Modelos de renegociação flexíveis,



shironosov_CANVA

personalizados e sustentados por dados têm apresentado resultados superiores em taxas de recuperação.

A tecnologia, nesse ambiente, deixou de ser diferencial e passou a ser requisito básico. Plataformas digitais de negociação, automação de contatos e integração com meios de pagamento reduziram custos e aumentaram a eficiência, como apontam levantamentos da Febraban sobre digitalização financeira. Empresas que permanecem presas a processos manuais ou pouco integrados sentem de forma mais intensa o impacto da inadimplência no caixa. O aprendizado é direto. Escala e previsibilidade só existem com sistemas preparados para lidar com volume, diversidade de perfis e múltiplos canais.

Por fim, talvez a maior lição da inadimplência elevada seja cultural. O cenário atual está forçando empresas brasileiras a amadurecer sua governança financeira. Planejamento de caixa, revisão de políticas comerciais e métricas mais realistas de crescimento deixaram de ser discussões restritas ao financeiro e passaram a ocupar o centro das decisões estratégicas. A inadimplência ensina, sobretudo, que sustentabilidade não é resultado de ações isoladas, mas de processos integrados entre venda, crédito, cobrança e tecnologia.

Esse aprendizado tem custo, mas também produz empresas mais conscientes dos riscos e mais preparadas para operar em um país onde o crédito é caro, o erro é penalizado rapidamente e a eficiência deixou de ser opção para se tornar condição de sobrevivência.



Khwanchai_Phanthongs_Images_CANVA

BRASILEIROS NO EXTERIOR

CONFIRA CINCO RECOMENDAÇÕES ESSENCIAIS PARA QUEM PLANEJA VIVER FORA DO BRASIL

O movimento migratório brasileiro segue em expansão. Segundo estimativas recentes do Ministério das Relações Exteriores, já são aproximadamente 5 milhões de brasileiros vivendo fora do país, América do Norte e Europa continuam liderando como os destinos favoritos, especialmente para quem busca melhores oportunidades profissionais, segurança, educação e qualidade de vida.

O novo perfil do brasileiro que deixa o país é amplo e inclui profissionais qualificados, estudantes, famílias com crianças e jovens em busca de ascensão profissional. Além do fator econômico, pesam também questões como segurança pública, estabilidade política e perspectivas de futuro.

Na América do Norte os Estados Unidos permanecem no topo da lista de destinos mais procurados, com cerca de 1,9 milhão de brasileiros, seguidos pelo Canadá, que já ultrapassa a marca de 130 mil residentes. Na Europa, Portugal se mantém como o principal destino, acompanhado por Espanha, Reino Unido, Alemanha e Itália.

Para quem planeja sair do Brasil nos próximos meses, a advogada internacionalista Paula Civolani, reforça a importância de priorizar e realizar o planejamento adequado. Para facilitar o processo, ela listou cinco principais recomendações aos viajantes. Confira:

1 Saída Fiscal Definitiva do Brasil – O primeiro passo é formalizar a Saída Fiscal Definitiva, comunicando à Receita Federal que você deixou de ser residente fiscal no Brasil. Essa medida não é apenas burocrática: ela define onde você será tributado, evita bitributação indevida, impede cobranças futuras sobre rendimentos de fora do país e ajusta a relação com bancos, corretoras e investimentos. Sem a saída fiscal, o brasileiro pode ser tributado como residente, mesmo vivendo anos no exterior.



PeopleImages_CANVA

“O planejamento migratório não é apenas uma decisão pessoal ele funciona como uma decisão jurídica.”

2 Atualização Patrimonial e Planejamento Previdenciário Internacional – O segundo instrumento envolve organizar a situação patrimonial e previdenciária. Isso inclui revisar investimentos no Brasil, ajustar contas bancárias para o status de não residente, verificar impactos sobre Previdência Social (INSS), acordos internacionais e estratégias de contribuição futura. A falta dessa organização gera inconsistências, retenções indevidas, perda de direitos e insegurança jurídica.

3 Estruturação Societária para Quem Mantém Empresas no Brasil – Para empresários ou sócios de holdings, sociedades familiares ou pequenas empresas, é fundamental revisar o enquadramento societário após a mudança. A condição de não residente altera regras de distribuição de lucros, tributação sobre ganhos, participação em atos societários, exigência de procuradores residentes no Brasil e até as responsabilidades perante órgãos reguladores. Essa etapa evita bloqueios administrativos e riscos tributários.

4 Procurações e Autorizações com Validade Internacional – Viver fora do país exige que certos atos sejam praticados por representantes no Brasil. Por isso, o quarto instrumento é a preparação de procurações atualizadas, específicas e compatíveis com a legislação brasileira e internacional. É comum que imigrantes precisem resolver questões bancárias, judiciais, societárias ou familiares a distância — e isso só é possível com instrumentos bem redigidos, preferencialmente com poderes delimitados, revogação clara e validade no exterior. Certificados digitais e o e-notariado podem ser úteis na hora de praticar atos jurídicos no Brasil. Ob tê-los antes de sair do país é um bom caminho.

5 Testamento e Planejamento Sucessório Multijurisdicional – Por fim, o planejamento migratório só está completo quando inclui um testamento adequado ao país de residência e às regras brasileiras. A vida internacional cria cenários complexos: bens em diferentes países, regimes sucessórios distintos, herança legítima no Brasil, e a necessidade de evitar conflitos entre jurisdições. Um testamento estruturado garante que o patrimônio seja transmitido conforme a vontade do titular, de forma eficiente e segura.

Em síntese, o planejamento migratório não é apenas uma decisão pessoal ele funciona como uma decisão jurídica. Esses cinco instrumentos formam a base de uma migração organizada, protegida e alinhada com as regras de duas jurisdições que, muitas vezes, tem estrutura completamente distinta. Preparar-se evita litígios futuros, facilita a vida cotidiana e garante segurança patrimonial e familiar para quem escolhe viver além das fronteiras do Brasil.



alphyn_CANVA